



A raiz do teatro feminino

Bernardina Amantino¹

Resumo: Tendo como base o autor Antonio Meneghetti, esta pesquisa busca chegar à compreensão do problema de fundo da mulher, a ambivalência, identificar os pontos da raiz do teatro feminino. A natureza dotou a mulher de uma graça explosiva e vencedora, por que a mulher não usa essa graça de modo adequado para atingir o próprio protagonismo? O estereótipo dominante na mulher, a matriz reflexa, como acontece e como se manifesta na mulher, pois o núcleo prioritário de todo o teatro da mulher está na matriz reflexa.

Palavras-chave: mulher; ambivalência; graça; matriz reflexa; díade.

The root of the female theater

Abstract: Based on the author Antonio Meneghetti, this research seeks to arrive at an understanding of women's fundamental problem, ambivalence, identify the points of female theater root. Nature has endowed the wife of an explosive and winning grace, why the woman does not use this grace as appropriate to achieve the proper role? The dominant stereotype in women, the reflexive matrix, as happens and how it manifests in women as the primary core of the whole theater of the woman is the reflex array.

Keywords: women; ambivalence; grace; reflex matrix; díade

¹ bernardinaamantino@hotmail.com

1 Introdução

“A feminilidade sempre foi uma situação existencial que motivou contraditórias ideologias no plano filosófico-religioso, sócio-cultural, artístico-literário e médico-cirúrgico” (MENEGETTI, 2013, p. 45).

Lançada no início do terceiro milênio, a obra *Feminilidade como Sexo, Poder, Graça*, do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti (2000), se apresenta como uma preparação para o ingresso ativo da liderança feminina numa sociedade em evolução contraditória.

O presente trabalho busca compreender a raiz de base do teatro feminino, o problema de fundo: a ambivalência. Qual estrada para superar a divisão que no fundo toda mulher sente. Por que a mulher tem dificuldade em acessar a própria graça, da qual, é portadora natural? Qual a origem do problema? De que modo essa ambivalência é atuada externamente, que no final é desvantagem não só para a mulher, mas para as pessoas próximas ou que entram no jogo. Buscar entender o que contribui para o teatro-mulher e a frustração social que ela vive e onde está a raiz de base do teatro feminino. A matriz reflexa, a matriz da díade materna. Como se insere quais as consequências. Como liberar-se da cadeia subterrânea que cada mulher reforça na outra.

Este significado é ainda mais elevado onde, para Meneghetti (2013), “ toda a nossa civilização do passado é baseada na família, por consequência a mulher se vê como sexo, como produtora, mãe de filhos, e não consegue compreender o primado de si mesma, como espírito, como mente, como pessoa” (p. 43). Desta forma é importante que a mulher se libere de tudo que não é próprio dela e da vida, se conhecendo e se posicionando, atuando o próprio potencial com inteligência, como geradora de vida, como fonte de solução, energia produtiva e ação vencedora. Sempre centrando qual é sua identidade de natureza.

2 O problema de fundo: a ambivalência

A mulher é portadora de graça, de extraordinária força interior e potencial de liderança. Para acessar tudo isso e fazer história, que será além da sua própria evolução, também fundamental contributo à humanidade, é preciso primeiro afrontar, com humildade e determinação, o problema de fundo, a ambivalência.

Toda mulher – ainda que não compreenda, ainda que não saiba a fundo – percebe constantemente em si uma divisão. Sente que é mulher e que deve ser mulher – fêmea sempre do mesmo modo. Não tem a liberdade de ser de outro modo fora daquilo que conhece desde a infância (MENEGETTI, 1999, p. 46).

Para Meneghetti (2013, p. 35), “nenhuma mulher quer ir ao fundo de si mesma, porque no fundo de si mesma tem o medo”. Para chegar ao fundo de si própria é preciso se experimentar com coragem, ação prática, satisfação de resultado e profunda concentração, sem permitir qualquer tipo de distração.

A mulher percebe coisas que filósofos intuem como maravilhosas, divinas, mas tudo isso não é o suficiente para eliminar o terrível fato de ser dividida de um núcleo que causa medo, que ela própria desconhece, não compreende.

“A mulher desencadeia atração, a inflama ao máximo possível, depois a frustra e a remete em destruição” (MENEGETTI, 2013, p. 35). São contradições muito atroz no interior da vida feminina em que o “lado bom” e a “besta” coexistem.

Para Meneghetti (2013, p. 36), “parece que o caráter fundamental da mulher seja o da ambivalência constante, que tem como escopo vencer o jogo prejudicando o outro, homem ou mulher que seja. É difícil ver uma mulher exercitar com constância e determinação o egoísmo vital para o sucesso de si mesma”. A natureza dotou a mulher de graça explosiva e vencedora, sempre; O problema é que a mulher desperdiça essa graça em baixos níveis de mediocridade, escolhendo o caminho da desgraça, da derrota, onde o culpado é sempre o outro. Falta coerência em assumir a própria responsabilidade.

Pela sociedade, a imagem passada é que a mulher parece ser objeto do homem, enquanto que na realidade é exclusivo objeto de uma psicologia interna, que vive e sofre. Sofre, mas busca, quer.

“O homem vê a mulher como uma atração e um perigo, substancialmente tem medo dela. Deseja a mulher, mas para estar tranquilo deve sentir toda a sua permissão quase como se a mulher tivesse que se comportar como uma mãe. Depois existe uma tipologia feminina que deseja o sexo, semantiza para depois culpar o outro. Se uma mulher, verdadeiramente, não quer dentro de si, o homem não se aproxima. É um modo de vitimismo que não é real” (MENEGETTI, 2013, p. 36).

A menina nasce, desenvolve-se e cresce aprendendo que deve cobrir-se, no fundo a mulher carrega o sentido de sujeira na sua psicologia interior e, cada mulher transmite uma a outra. De acordo com Meneghetti (2013):

É uma cadeia de séculos, da qual nenhuma mulher é capaz de sair, como se no íntimo de cada uma existisse uma velha mãe de séculos, uma velha mãe que inquire como exclusivo aquele corpo, sobretudo o órgão copulador: a mulher o possui somente por empréstimo e sob permissão (MENEGETTI, 2013, p. 37).

Hoje vivemos uma realidade masculina que não apenas tem medo da mulher, mas muitos homens, por economia existencial, renunciam às mulheres. Outros desenvolvem o aspecto homossexual. Não que isso resolva o problema, porém parece ser mais econômico.

3 O elemento histórico-social

“A raiz de base do teatro feminino é o estereótipo dominante do estilo da feminilidade, o qual, no fim não é vencedor para a mulher” (MENEGETTI, 1999, p. 67).

A mulher vive uma história de séculos de inferioridade social, histórica e econômica que contribui para o teatro-mulher e a frustração social, que ela vive. Também as condutas sociais e os valores tradicionais tendem a reforçar o superego legal e jurídico-social. Até hoje as formas de moral, educação, religião e cultura determinam uma regra sobre o comportamento da mulher, no futuro será o direito civil e penal que regulará todos esses aspectos.

Por exemplo, hoje vivemos intensa discussão sobre os direitos do feto, legalizar ou não o aborto. Com a lei, deixa de ser uma questão moral e passa a ser uma infração grave passível de punição através da violência jurídica. Situação contraditória com a vida. Se a mulher, por força da lei, conclui a gestação, que tipo de sentimento passa a essa criança que já nasce rejeitada? Por outro lado, se a mulher transgredir a lei, sofre as consequências da jurisprudência. Com o feto, temos a possibilidade da vida, que teve já uma trajetória intencional para chegar à concepção, mas é possibilidade e garantia de realização futura?

Fato posto: com a lei de uma forma ou de outra existe a violência. Uma vez que todas as consequências, independente da decisão da lei, a mulher as vive e as transmite organicamente. A decisão ficando com a mulher, a solução pode ser mais humana. “É provável, também que no futuro a espécie será feita por clonagem ou por pessoas biologicamente adequadas para reproduzir. A lei cresce. A vida de cada um será regulada a partir de informações baseadas na internet” (MENEGETTI, 2013, p. 38).

O que condicionará a informação não será mais a realidade da riqueza, mas o

modo da informação, com o crescente crescimento da internet. Para os mais inteligentes, isso facilitará. Serão regras de vantagem enquanto que para os mais despreparados serão dificuldades. Hoje, com uma boa notícia na internet, bem feita, pode-se alcançar todo o mundo.

É preciso colher o elemento-base daquele teatro que não é funcional à mulher. Com aquele teatro a mulher humana, se não muda, é perdedora porque joga com emoções, sentimentos, pequenas ou grandes vinganças, aspectos possessivos, manobras familiares, etc., que não lhe permitem ganho e vantagem e sim apenas reproduzir um modelo estereotipado do próprio modo de ser mulher, aprendido nesta sociedade. A decisão e solução está no interior e na vontade da própria mulher.

4 A matriz reflexa

É um mecanismo que se reencarna, dia a dia, nas situações. Primeiro é o adulto-mãe, depois é com as outras mulheres. O perigo está ali, na relação com as outras mulheres, é ali que se deve fazer o “corte”, isto é, mudar o modelo de comportamento aprendido na infância e que continuamente repete ao longo da vida.

Cada mulher deve chegar à compreensão de si mesma, não deve esperar um salvador externo, ninguém pode substituí-la na tarefa de compreender a si mesma.

Para conhecer uma mulher, não são suficientes as suas experiências, as suas convicções, o seu sexo, a sua graça, nem mesmo a própria mulher. Conforme Meneghetti (2013, p. 39), “é preciso ir além, ir muito a fundo”.

A capacidade da mulher em se retomar após uma decepção, frustração, é extraordinária.

...Conheci todos os aspectos da mulher e encontrei um elemento base que é a raiz de todo o teatro estratégico: a matriz da díade materna. A mulher pode gerir com superioridade a relação com qualquer homem, mas lhe é quase impossível superar a mãe que cada uma carrega dentro de si (MENEGETTI, 1999, p. 47).

Por ‘mãe’ o autor entende aquele adulto que é primeiro formal, que faz a categoria da feminilidade da mulher, o primeiro formalizante do comportamento caracterial da mulher, e o define como adulto-mãe. Pode não ser a mãe em sentido biológico, mas qualquer adulto: avó, tia, uma freira, etc. É o adulto que serviu de referência afetiva para a criança.

A mulher pode afastar-se fisicamente do adulto-mãe, sob todos os aspectos, porém, o *imprinting* já é total até os quatro anos de idade.

As crianças, sobretudo, as mais sensíveis e inteligentes, se caracterizam por campo semântico do organismo do núcleo materno.

Para Meneghetti (1999, p. 42), “qualquer psicologia feminina, para além das frustrações sociais, do homem, da família – tem a própria raiz na tipologia aprendida pela simbiose diádica com o adulto-mãe”. Constantemente, o adulto-mãe odeia e contemporaneamente, ama a filha. Tanto no ódio como no amor, transmite sempre o modo em que viveu ou sofreu a vida, não aquilo que convém à filha como pessoa.

A mulher precisa libertar-se dessa cadeia subterrânea que cada mulher reforça na outra. Só se libertando da díade profunda com o próprio adulto-mãe, a mulher conseguirá ser a si mesma de acordo com o potencial da própria vida. Toda nossa civilização sendo baseada na família, a mulher se vê unicamente como sexo, produtora, mãe de filhos e não consegue compreender o primado de si mesma como espírito, como mente, como pessoa para poder acessar aquela dimensão natural em que:

...todo o instinto e tensão é ordem da natureza, que um Deus, enquanto mente da Vida, projetou. Sexo, egoísmo, liberdade, ambição, propriedade, estética, economia, política, saúde, responsabilidade, pesquisa, conservação, identidade e outros semelhantes, são o real tabuleiro onde se dá o nosso jogo existencial. Atrás de tudo isto, se atento aos fatos revelados sem exceção, está o sorriso do Ser (MENEGHETTI, 1996, p. 35).

“Ama e aprende o que tu és, porque és o centro de todo o poder” (MENEGHETTI, 1996, p. 132). Toda mulher pode equilibrar o respeito dos vínculos da sociedade econômica, jurídica e política e, a atitude de criar a si mesma no mundo.

5 Método

Pesquisa teórico-bibliográfica, tendo como base o autor Acadêmico Professor Antonio Meneghetti. Além dos livros citados na bibliografia, utilização de anotações pessoais feitas durante a realização de:

- Residence Mulher Líder, realizado em Itapema-SC;
- Congresso Mulher 2000, realizado no Rio de Janeiro-RJ, de 31 de dezembro de 1999 à 01 de janeiro de 2000;
- Residence Feminilidade como Sexo, Poder, Graça realizado em São Petersburgo-Rússia, agosto de 2001;
- Residence Mulher Líder realizado na Toscana, Itália em 2010.

Para este estudo, realizamos a opção de citar somente o autor Antonio Meneghetti, por ser o único autor encontrado que explicita o problema de fundo, a matriz reflexa, que se insere nos primeiros anos da infância através da díade com o adulto-mãe (adulto de maior referência afetiva). Vários autores falam sobre a feminilidade, porém, nenhum explicita a raiz do problema da ambivalência feminina.

6 Considerações Finais

O valor deste artigo está na possibilidade de conhecimento e tomada de consciência por parte das mulheres, especialmente da mulher líder, da importância de ser verdadeiramente a si mesma, em todos os sentidos e âmbitos que esta postura implica.

Ser o que é e como é na origem, eliminando toda forma de complexo da díade com o adulto-mãe, adquirido nos primeiros anos de vida, por afeto e fidelidade a algo não próprio, situação da qual, a mãe também é vítima e cúmplice e, tem também o direito e a responsabilidade de liberar-se. É uma passagem que, também, será um contributo ao homem uma vez que é gerado pela mulher.

A solução está em ser verdadeira, focando no próprio projeto de natureza, com egoísmo vital e alegria de existir.

Referências

MENEGHETTI, Antonio. **A feminilidade como sexo, poder, graça**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **A Graça: a lógica do dom**. Porto Alegre: Psicológica Editrice, 1996.

MENEGHETTI, Antonio. **Seis mulheres e a imaculada concepção**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **A mulher do terceiro milênio**. Roma: Psicologica Editrice, 1999.